NA ROTA DO 'BLOOM'

ENTRE O PRAZER E

Há sempre dois lados numa história. Ao longo de três dias, o DIÁRIO acompanhou a BBC Radio 4 na realização de um documentário sobre o flagelo do 'bloom' na Madeira. Na primeira pessoa, Bruno, Dino e Pedro dão testemunho das vidas alteradas pelo vício

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

Bruno [nome fictício] é um sujeito inteligente e com boa-pinta. Fomos encontrá-lo nas imediações do Mercado dos Lavradores, no Funchal, numa tarde quente de Maio e, num inglês fluente, rapidamente aceitou contar-nos a sua história.

Ex-emigrante em Jersey, Bruno esteve "perto de 20 anos agarrado à heroína" e chegou a traficar na Madeira. Depois, optou pelo 'bloom' por ser "muito mais barato".

Passados poucos minutos de estarmos à conversa, revela que, antes da chegada dos jornalistas, tinha acabado de consumir. Fê-lo mesmo ali, numa das ruas mais movimentadas da capital madeirense, em plena luz do dia. Ninguém pareceu dar por isso.

"Vou dizer a verdade... acabei de fumar uma ganza (...). Estou aqui a falar, estou bem, sinto-me feliz. Isso é uma coisa má?", atira em jeito de desafio.

A conversa com Bruno é, em si mesma, uma 'viagem'. É calçar os sapatos de alguém que oscila entre a verdade nua e crua e a manipulação, entre a sensação de controlo (um misto de lucidez, esperteza e, até, vaidade) e a fragilidade extrema. As suas palavras exsudem, ora o prazer de quem acabou de comer 'doce', ora a dor de quem precisa constantemente de algo para suprir um vazio... que consome.

"Quer saber qual é a minha grande desgraça? Eu adoro adrenalina e provei esta porcaria (...). Um dia estava a cheirar cocaína e alguém aproximou-se de mim e ofereceu-me ['bloom']. Estava tão paranóico que disse 'não quero saber' e comecei a consumir", recorda.

Pedimos-lhe para descrever como é que se sente quando consome 'bloom'. "Ahh... sinto-me tão bem (...). Este que eu fumei é uma mistura. Provoca um êxtase em que passas dos 20 para os 80 por cento num instante, mas o efeito passa rápido (...). Se eu tiver dinheiro e quiser divertir-me, fumo. Quando aprendes a controlar [os efeitos] não é uma coisa assim tão má", relata, aparentemente sob controlo.

Helen Clifton, da BBC Radio 4, conta-lhe que, nessa mesma manhã, visitámos a Associação Protectora dos Pobres, que acolhe várias pessoas cujas vidas foram destruídas pelas drogas. Bruno afasta o assunto, como quem afasta um prato de comida que não lhe agrada.

Os argumentos são sempre os mesmos – "isso são pessoas que não têm força de vontade" – e evocam as palavras que ouvimos de Pedro [também nome fictício], na 'sopa do Cardoso': "Cada organismo tem uma reacção diferente. Pensei que ia consumir e que não ia ter o mesmo efeito em mim, mas afinal bateu-me mal".

> É MUITO DIFÍCIL DEIXAR ISTO PARA TRÁS, PORQUE ESTOU RODEADO DE PESSOAS QUE CONSOMEM. A CADA ESQUINA, HÁ PESSOAS A VENDER ['BLOOM']"

Pedro contou-nos que costumava consumir "uma dose por dia".

Tudo começou "por uma brincadeira", quando tinha apenas 18 anos. "Foi numa festa de um amigo... que me estragou a minha vida", rememora.

O 'bloom' veio mais tarde, quando experimentou "uma mistura" por "curiosidade". "Isso põe a pessoa muito diferente, nervosa... fica fora de si. Não sou o mesmo", refere com uma expressão perturbada.

Hoje, com 43, jura que está "limpo" há mais de um ano. Ficamos a saber, mais tarde, que existiram recaídas pelo meio ("há sempre recaídas", concordam os vários profissionais que abordámos). Não obstante, Pedro mantém uma convicção: "O bloom é ruim, ainda bem que consegui perceber isso a tempo".

Viver, para morrer noutro dia

"Se tiveres força de vontade, consegues controlá-lo", reitera Bruno. "Ou aprendes a lidar com isto ou a lutar contra isto. Se lutas contra isto... vais bater a um lugar difícil", acrescenta.

Perguntamos-lhe o que é que acontece nesse 'lugar'. A retórica é quase impecável, mas há determinados momentos da conversa em que Bruno deixa cair a 'máscara' do durão descontraído e as suas descrições permitem vislumbrar qualquer coisa de aterrador.

"O meu coração começa a bater e eu começo a olhar para as pessoas. Sinto que elas me estão a observar", narra.

É curioso observar como, mais adiante, Bruno altera o discurso para a terceira pessoa, como que a tentar distanciar-se dos efeitos que o 'bloom' lhe provoca: "Tens pensamentos maus. Começas a perder o controlo. Queres mais ['bloom'], começas a olhar para o chão à procura de pacotes onde eles não existem. Começas a sentir-te cada vez mais ansioso (...). Chegas a um ponto em que queres ir para casa e começas a pensar 'a minha mãe vai ver, vai saber [que eu consumi]' ou 'aquele vizinho está a observar-me'. Não te sentes bem, sentes ansiedade, achas que estás a envergonhar-te... começas a perder a cabeça e à medida que o tempo passa é pior. Ficas paranóico".

"Nunca vi outra droga tão pesada em termos de paranóia", admite.

Neste momento, tal como em todos os outros em que a conversa começa a tomar um rumo desconfortável – "de onde vem o 'bloom'?" ou "porque é que o tráfico é uma coisa má? – Bruno esquiva-se e volta a assumir o 'personagem'.

"O 'bloom' agora está num estado muito melhor, mas deixa-te completamente viciado", atesta. "Fiz um tratamento. Não consumia drogas, só bebia. A minha vida deu uma volta. Em sete anos fiz tudo. Tive o meu carro, tive dinheiro... tinha 18 mil euros no banco e comprei um BMW. Isso [diz sem clarificar se está a referir-se às dívidas, ao 'bloom', ou ambos] foi a minha desgraça". "A minha vida foi por água abaixo. Perdi tudo", acrescenta. E, a seguir, ainda mais depressa: "Mas eu não estou chateado. Eu lido com isto (...). Eu fiz esta escolha, agora tenho de aguentar da melhor maneira possível".

Há sofrimento na sua voz, mas o tom de desafio está sempre presente: "Lamento dizer isto, mas [o 'bloom'] é o futuro, porque é mais barato". "Um grama de cocaína custa 80 ou 100 euros, dependendo da pureza. A heroína custa 10 euros por pacote. Imagine precisar de 25 euros por dia. Eu fiz isso durante 20 anos. O 'bloom' custa cinco euros (...). Peço um euro aqui [na rua] e, se tiver sorte, consigo dois ou três. Quando chego aos cinco euros consigo comprar um pacote", detalha.

À questão "o 'bloom' é melhor do que as outras drogas?", Bruno responde com uma gargalhada. "Eu acho que sim (...). Na heroína, por exemplo, os sintomas de abstinência são piores. Gastas menos [porque o consumo acaba por ser mais controlado], mas o teu corpo vai sentir o efeito de forma mais intensa".

O baixo custo, aliado aos menores sintomas de abstinência, criam a